

Vol XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, pág. 491-505.

AUTOCONSCIÊNCIA E AFETOS: ENLACES ENTRE AFETO E COGNIÇÃO NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO SELF

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Renê Marcelino da Silva Junior
Witanagé da Silva Junior
Antonio Roazzi

Resumo: O presente trabalho objetiva resgatar um clássico debate na psicologia, detalhando como as relações entre cognição e afetos assumem feições particulares no âmbito dos estudos de autoconsciência, descrevendo as maneiras destes enlaces a partir de reflexões sobre os modelos teóricos e investigações empíricas da área. Os afetos aparecem na estruturação da autoconsciência modulando a diferenciação cognitiva de caminhos específicos da auto-atenção a partir dos modelos científicos construídos com base em investigações experimentais e psicométricas. Dois gradientes afetivos específicos, a ansiedade social e a ansiedade de morte, serão discutidos em suas relações com o processo de autofocalização da atenção. O exame das relações entre afeto e cognição é um caminho teórico promissor por clarear o papel destes construtos no desenvolvimento de desordens clínicas e deslocar as discussões sobre cognição e afeto para o contexto específico de estudos dos processos relacionados ao self.

Palavras-chave: Autoconsciência; Cognição e afetos; Modelos teóricos de autofoco; Ansiedade social; Ansiedade de morte; Self.

Self-awareness and affections: Links Between Affect and Cognition in Self Development Processes

Abstract: The article aims to rescue classical debate in psychology, detailing how the relationships between cognition and emotions take particular features within the self-awareness's studies, describing the ways these links as from reflections on the theoretical models and empirical investigations of the area. Affections appear in the structuring of self-awareness modulating the cognitive differentiation of specific ways of self-attention, as from scientific models built based on experimental and psychometric investigations. Two specific affective gradients, social anxiety and the anxiety of death, will be discussed in its relations with the self-focused process of attention. The examination of the relationships between affect and cognition is a promising theoretical path to clarify the role of these constructs in the development of clinical disorders and to shift discussions about cognition and affect to the specific context of studies of processes related to the self.

Keywords: Self-Awareness; Cognition and affections; Theoretical models of self-focus; Social anxiety; Anxiety of death; Self.

As relações entre cognição e afetos é um velho debate em psicologia, historicamente diversos autores desenvolveram reflexões sobre como estes polos psicológicos se articulam e mantêm sua unidade na dinâmica psicológica, no entanto, a psicologia ainda carece de um modelo explanatório específico sobre este tema. Dentre

autores seminais do campo psicológico, Piaget (2001), por exemplo, foi um dos primeiros cientistas modernos que ressaltou a indissociabilidade entre afeto e cognição, propondo o afeto enquanto motor principal que energiza o comportamento e o pensamento, impulsionando a organização das operações lógicas da mente e formação dos níveis superiores de funcionamento inteligente.

As reflexões recentes têm se debruçado sobre a concepção de um funcionamento psíquico não dicotomizado entre polos cognitivos e afetivos, mas dialeticamente integrados, com grande ênfase na contemporaneidade em aspectos de uma mente incorporada (*embodied cognition*), com processos cognitivos profundamente enraizados nas interações com o ambiente, e edificados sobre um corpo físico e suas afetações de natureza emocional (Wilson, 2002). Os aspectos da vida psicológica que se entrelaçam nos polos do corpo, cognição e afetos estão, portanto, na atualidade das mentes pensantes em ciência cognitiva, o que nos convida a uma reflexão crítica sobre dois destes polos, a saber, o que diz respeito às intrincadas relações entre afeto e cognição, aqui tomadas no âmbito de um processo cognitivo de alta ordem, enlaçado a autofocalização humana, a saber, a autoconsciência.

Assim, o presente estudo teórico em forma de ensaio crítico-reflexivo com base em literatura selecionada intencionalmente, objetiva resgatar este clássico debate na psicologia, detalhando como as relações entre cognição e afetos assumem feições particulares no âmbito dos estudos de autoconsciência, descrevendo como a autoconsciência e os afetos se relacionam a partir de reflexões sobre os modelos teóricos e investigações empíricas da área.

O presente ensaio está organizado em duas seções, a primeira descrevendo como os afetos aparecem na estruturação da autoconsciência modulando a diferenciação cognitiva de caminhos específicos da auto-atenção a partir dos modelos científicos construídos com base em investigações experimentais e psicométricas no âmbito da Teoria da Autoconsciência Objetiva de Duval e Wicklund (1972). A segunda seção irá aprofundar uma reflexão sobre dois gradientes afetivos específicos, a ansiedade social e a ansiedade de morte e suas relações com o processo de autofocalização da atenção. O exame das relações entre afeto e cognição é um caminho teórico promissor por clarear o papel destes construtos no desenvolvimento de desordens clínicas e deslocar as

discussões sobre cognição e afeto para o contexto específico de estudos dos processos relacionados ao self.

Notas introdutórias sobre os Afetos na pesquisa da Autoconsciência

Olhar-se no espelho e encontrar as imperfeições de sua aparência, estar diante de uma plateia sendo continuamente observado, ser avaliado ou repreendido por outras pessoas são situações que potencialmente eliciam experiências de afetos desconfortáveis, a imagem de si mesmo tomada como objeto de apreciação por si ou por outros significativos pode ser, por vezes, um processo doloroso. Estas situações também tem em comum o fato de desencadear a autoconsciência, esta entendida como a capacidade de prestar atenção a si mesmo, um desdobramento do foco atencional direcionado ao self, a qual permite tomar consciência das diferentes dimensões de si mesmo: pensamentos, atitudes, comportamentos, valores, sentimentos, aparência física, motivos, traços de personalidade, comportamentos (Duval & Wicklund, 1972).

A pesquisa cognitiva tem documentado as associações empíricas entre os afetos e a autoconsciência (Wells & Matthews, 2015), desde a sua definição no âmbito da Teoria da Autoconsciência Objetiva (OSA Theory, de *Objective Self-awareness Theory*), a qual propõe que ao focalizarmos a atenção para um aspecto do self automaticamente nos comparamos com um padrão social desejável para esta autodimensão (standard), quando encontramos discrepâncias entre o self e o padrão, experimentamos afeto negativo. O processo auto-avaliativo seguirá por dois caminhos, cessar o autofoco ou estabelecer a consistência interna do self, modificando o self ou o padrão social internalizado, com a finalidade de interromper a experiência de afeto negativo. Por outro lado, quando encontramos congruência entre nossos autoaspectos (Self real) e os padrões internalizados, percebendo certa isomorfia entre o Self “real” e o Self “ideal” podemos também experimentar sentimentos agradáveis e jubilosos que estimulam e ampliam o autofoco (Duval & Wicklund, 1972).

O afeto aparece como elemento constitutivo do autofoco, embora a teoria OSA enfatize suas dimensões cognitivas, o estado afetivo experimentado contamina os modos pelos quais nos percebemos, no caso de afetos negativos, por exemplo, o processamento da auto-informação direciona-se a aspectos negativos do self, a autojulgamentos desfavoráveis, a recordações penosas e desconfortáveis e expectativas

negativas sobre o próprio futuro. Esta negatividade afetiva pervade os processos autoperceptivos gerando um estado de incerteza sobre o próprio valor, aprofundando a atenção sobre o self e aumentando sua intensidade e frequência (Nascimento & Roazzi, 2013; Sedikides, 1992).

Diversos estudos experimentais demonstraram que a autoconsciência amplifica a intensidade da experiência emocional (Silvia, 2002a; 2002b; Ingram, 1990), a identificação de autodiscrepâncias durante a auto-observação, por exemplo, pode eliciar a emergência de estados afetivos cuja intensidade aumenta e se estende no tempo, percorrendo um gradiente emocional que desdobra-se, desde um pequeno desconforto até a mais aguda angústia, a partir do qual a sedimentação a longo prazo destes estados aversivos poderá conduzir a desordens psicológicas (Nascimento, 2008; Wells & Matthews, 2015).

As relações dialéticas entre autoconsciência e afetos, traduziram-se também no contexto da avaliação psicométrica do autofoco, a *Self-Consciousness Scale* (SCS) - primeiro instrumento construído para mensurar disposição ao autofoco, apresentou os fatores: *Autofoco privado*, no qual o foco da atenção está voltado para os componentes da auto-experiência interna dos sentimentos, pensamentos, crenças, etc.; *Autofoco público*, referindo-se à reflexão sobre os aspectos externos do Self como comportamentos e aparência física; e o fator de *Ansiedade social*, uma reação de desconforto afetivo experimentado na presença de outras pessoas, este fator não constitui uma dimensão da autoconsciência, mas uma apreensão consequente do processo de tornar-se consciente do self enquanto um objeto social (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975).

Diante de um conjunto de achados da SCS que correlacionavam autofoco privado com afetos negativos e psicopatologias, Trapnell e Campbell (1999) propuseram uma distinção motivacional para a Autoconsciência privada em dois fatores: *Ruminação*, tratando-se de uma tendência ansiosa de autofocalização da atenção, motivada por medos e autodúvidas, caracterizada pelo pensamento repetitivo sobre aspectos negativos do Self; e, *Reflexão*, que seria o autofoco motivado por uma curiosidade em conhecer os diversos aspectos do Self, constituindo uma busca positiva e saudável por autoconhecimento (Morin, 2002; Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013).

Mor e Winquist (2002) realizaram uma análise metateórica de 226 estudos experimentais e correlacionais que demonstraram alguma associação entre autofoco e afeto negativo. Os referidos autores identificaram relacionamentos de maior magnitude em estudos com amostras clínicas ou cuja amostra era composta em sua maioria por mulheres, e em relação a outras dimensões da autoconsciência, a ruminação é o tipo de autofoco mais associado ao afeto negativo, a atenção direcionada a autoaspectos positivos está associada a diminuição dos níveis de afeto negativo. Também verificou-se um padrão de relacionamento entre autoconsciência privada e afetos depressivos, autoconsciência pública com ansiedade e associações com afetos negativos para os dois tipos de autofoco.

Os achados de Mor e Winquist (2002) destacam a necessidade de uma caracterização dos diversos tipos de autoconsciência, no sentido de descrever as diversas operações de processamento de auto-informação que se ancoram sobre a auto-atenção para que se possa ter um delineamento claro de suas associações diferenciais com os afetos e desordens de natureza afetiva. Neste caso, os afetos têm um papel dinâmico na gênese da autoconsciência produzindo formas qualitativamente diferentes de operações de autofocalização da atenção, ao mesmo tempo em que uma pluralidade de estados afetivos aparecem associados a estes dois tipos de autoconsciência, de modo que o relacionamento entre tais construtos se configura tanto pelo alargamento da tipologia auto-atentiva quanto pelo espectro afetivo variável em termos de valência positiva e negativa, intensidade e natureza dos sentimentos (aflições, angústia, ansiedade, outros estados afetivos aversivos quaisquer).

Vale salientar, que a adesão quase irrestrita da pesquisa em autoconsciência a uma perspectiva psicométrica, e mais raramente experimental na atualidade, faz permanecer a questão da fenomenologia da autoconsciência (Nascimento, 2008), consequentemente o discernimento do *continuum* afetivo subjacente ao escrutínio reflexivo proporcionado pela auto-atenção (Morin, 2005), dado serem os sentimentos e elementos afetivos parte expressiva constitutiva da experiência interna humana conforme achados de pesquisa fenomenal de Hurlburt e colaboradores (Hurlburt, 2011; Heavey & Hurlburt, 2008). Na atualidade observa-se um quase desconhecimento dos tipos de afetos insurgentes durante episódios de autofocalização, havendo uma agenda de pesquisa em aberto para auscultação por vias fenomenológicas e métodos em

primeira pessoa destes fenômenos ainda não mapeados, em estudos mistos, ou mesmo apenas fenomenológicos, conforme interpelam cientistas cognitivos da contemporaneidade (Nascimento, 2008; Overgaard, Gallagher & Ramsøy, 2008).

Autoconsciência se evidencia como um fenômeno ambivalente, dual, que se tensiona dialeticamente entre formas de autofoco disfuncional relacionado a sofrimento psíquico e a formas construtivas e funcionais. Ela também é um dos pilares de construção e desenvolvimento do self por habilitar autocontrole, automonitoramento, regulação comportamental em direção a objetivos, autodescoberta, relaciona-se ao desempenho criativo, habilita processos de tomada de perspectiva, constitui o caminho também para elevada autoestima e construção de autoconhecimento, conforme Nascimento (2008), e Morin (2005; 2002).

Entre as várias dimensões da autoconsciência descritas pelos estudos fatoriais a ruminação, por definição, agrega as qualidades disfuncionais do autofoco apontadas por Ingram (1990) ao organiza-se como uma forma de autofocalização excessiva, perseverante, invariante entre contextos e direcionada aos aspectos negativos do self, carregada de lembranças negativas, medos, dúvidas, desesperança, altas doses de afetos negativos constituindo um fator de vulnerabilidade a depressão (Trapnell & Campbell, 1999).

Para Silvia e O'Brien (2004) é preciso elaborar estratégias interventivas que promovam o desenvolvimento das faces construtivas e adaptativas do funcionamento autoconsciente, de forma a maximizar seus ganhos e minimizar seus efeitos emocionalmente deletérios sobre os seres humanos. Joireman (2004) sugere a reflexão enquanto uma faceta adaptativa do autofoco que pode ser um fator protetivo do self perante a ruminação, por ser um tipo de autofoco pautado num interesse epistêmico pelo self, adquire valor heurístico enquanto um caminho promotor de afetos positivos, bem estar psicológico e satisfação com a vida.

Para Mor e Winquist (2002) a autofocalização da atenção e os afetos negativos estabelecem relações de mútua causalidade, sugerindo um relacionamento cíclico, e por que não dialético, no qual autoconsciência leva a experiência de afetos negativos via percepção da discrepância self-padrões de correção, e vice-versa, os afetos aversivos otimizando a cronificação do autofoco disfuncional, de modo que se amplificam e se estendem no tempo. O percurso das descrições científicas da autoconsciência demonstra

a indissociabilidade dos componentes cognitivos e afetivos nos processos de construção do self desde as proposições seminais da teoria OSA, os afetos aparecem como fator desenvolvimental para autoconsciência definindo os caminhos do foco atencional e o curso do processamento da auto-informação, se ruminativo ou reflexivo por exemplo. Por outro lado o gradiente afetivo associado ao autofoco organiza-se de forma complexa enquanto um conglomerado de afetos diversos com efeitos intensificadores sobre a experiência autoconsciente, com potencial para desestabilizar a estrutura psíquica quando em níveis incontrolados abrindo janelas para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos, conforme Nascimento (2008).

Na atualidade, não se conhecem documentações fenomenológicas sobre tal gradiente afetivo enodado ao processo autoavaliativo da consciência (ver Duval & Wicklund, 1972; Nascimento, 2008), e há um interesse teórico intrínseco nesta descrição, no que ela pode permitir uma elucidação da ontogênese do processo de autofocalização humano em seus parâmetros críticos de funcionamento e organização, de modo a se deslindar aspectos cruciais para a reversão de rotas desenvolvimentais não funcionais e causadoras de rupturas no senso de self e em sua estabilidade emocional e cognitiva no ciclo de vida (Nascimento & Roazzi, 2013; Trapnell & Campbell, 1999).

A presente reflexão voltará agora suas lentes numa outra direção promissora, a saber, olhar esta delicada relação entre afeto e cognição no âmago do processo autoconsciente partindo do prisma de aspectos qualitativos distintos no gradiente afetivo, a saber, os afetos da ansiedade social, e o afeto vicário da ansiedade de morte, temas tratados a seguir.

Autoconsciência, Ansiedade social e Ansiedade de morte

A literatura aponta o conceito de ansiedade como sendo uma resposta a uma ameaça prolongada, imprevisível, a qual engloba aspectos fisiológicos, afetivos e cognitivos, sendo diferenciada do medo, o qual seria uma resposta a graves ameaças previsíveis. Ela pode assumir proporções de modo a afetar a cognição e seus processos, seja como transtorno (patológico) ou como estado, e este, como estado transitório (ligado a momentos estressores), eventualmente manipulado experimentalmente (por choques elétricos, por exemplo), ou como traço (de personalidade, estável, e independente de estimulação ambiental), com um lastro que acaba por englobar

aspectos da memória, percepção e funções executivas (Robinson *et al.*, 2013). A classificação, patológica, ou não, depende de aspectos tais como: intensidade, duração, interferência e frequência com a qual ocorrem os sintomas, é o que informa Amaral (2011).

O TAS (Transtorno de Ansiedade Social) é caracterizado por um julgamento negativo que o indivíduo faz sobre si em situações da vida em sociedade, quando na presença de pessoas estranhas, multidões, situações de avaliação na qual o indivíduo se percebe observado, supondo-se estar sendo julgado por outras pessoas. Suas consequências podem ser debilitantes para o portador, causando prejuízos no funcionamento social do indivíduo nos mais diversificados contextos, trabalho, educação, etc. (Çivitci, 2015; Esteves, 2012). Tal julgamento fica a cargo do *Self* que age como instância avaliadora de padrões, referente a suas dimensões públicas ou privadas, e processa auto-informação enviesada negativamente acabando por experimentar afetos negativos, aflição, culminando no surto fóbico. Em situações sociais nas quais o indivíduo se percebe enquanto objeto de observação e julgamento alheio, ele estabelece comparações entre um *Self* real e um *Self* ideal, no entanto distorce negativamente as informações avaliadas sobre si, instaurando uma cadeia de desconforto crescente, com conseqüente exacerbação dos sintomas fóbicos (Mellings & Alden, 2000).

Neste caso, a ansiedade social apresenta-se geneticamente entrelaçada ao autofoco, situações sociais que as provocam são similares, a emergência da ansiedade atrai o foco atencional para as sensações internas e co-ocorre com o processamento de auto-informação negativa, a qual será facilmente precipitada na memória e recuperada após o episódio de surto fóbico direcionando o processamento autoconsciente por um caminho ruminativo baseado na lembrança do evento traumático e antecipação de futuros episódios ansiogênicos (Clark & Wells, 1995; Mellings & Alden, 2000).

Na mesma direção Brozovich *et al.* (2015) perceberam que portadores de Ansiedade Social tendem ao se confrontar com informações negativas sobre si e advinda das opiniões dos outros sobre eles durante a situação social e realizam comparações com um padrão irreal e inalcançável, os indivíduos socialmente ansiosos se dedicam a ruminação perpetuando a manutenção de afetos negativos no fluxo da experiência, com formações de memórias distorcidas ao longo do tempo. Os achados da

pesquisa dos autores citados também confirmam existência de fortes correlações entre ruminação e ansiedade social.

Mohamadirizi *et al.* (2015) encontraram relações significativas entre o transtorno de ansiedade social e transtornos alimentares. Ora, os achados são uma denúncia de um *Self* que ao se comparar com padrões externos e perceber-se em discrepância experimenta a ansiedade, e numa tentativa de romper o autofoco e findar a ruminação, direciona-se para objetos não-Self, alterando o foco atencional para distratores ambientais, no caso dos transtornos alimentares busca-se experimentar a sensação de prazer gerada pelo ato de comer.

Sawaoka *et al.* (2012) trazem uma informação de relevância com relação a ansiedade social e autoconsciência. Evidenciaram através de seu estudo que ansiedade social possuiria ligações com autoconsciência, seja em seus aspectos públicos ou privados, uma vez que foram significativamente associadas a indivíduos que apresentaram transtornos alimentares, tal como compulsão alimentar. Os estudos citados produzem um movimento consoante de uma cognição tal qual instância agente, captadora e avaliadora, organicamente enlaçada a complexa teia de afetos de variada valência.

A Autoconsciência possui ligações com a ansiedade, bem como uma subcategoria da ansiedade: a Ansiedade de Morte. O conceito de ansiedade de morte, de acordo com Lehto e Stein (2009), diz respeito a uma apreensão ou medo gerado pela consciência de morte. A investigação da ansiedade de morte engloba desde aspectos cognitivos, emocionais, do desenvolvimento, culturais e experienciais. O referido estudo realizou uma análise evolutiva do conceito de ansiedade de morte, os resultados apontam para o cerne das emoções guardando o medo da própria aniquilação, e que tal característica possuiria sua origem nas estruturas límbicas, hipocampo e demais regiões cerebrais relacionadas a memória emocional, trazendo à tona a informação de que a ansiedade de morte possui um aspecto de caráter evolutivo ligado a percepção de ameaça de morte, ou perigo iminente, o que compõe aspectos das emoções ligadas a luta ou fuga. A ansiedade de morte teria também como aspecto a sua universalidade, fruto da transmissão evolutiva.

Os aspectos cognitivos relacionados a ansiedade de morte incluem atitudes para com a morte, as quais são desenvolvidas com base nas experiências de vida, conceitos

de morte, capacidade de prever o futuro e desta forma antever a própria finitude. Furer e Walker (2008) afirmam com base em estudos empíricos que pessoas com maiores níveis de auto-estima terão melhor tolerância a eventos relacionados a morte, e que a experiência de morte de pessoas próximas a alguém pode influir positivamente para que um indivíduo ressignifique sua vida. Os termos “ansiedade de morte” e “medo de morte” aparecem com alguma frequência na literatura como sinônimos, todavia, o primeiro construto refere-se a uma angústia de aniquilação completa, enquanto o segundo é uma crença mais concreta de que a morte é algo assustador e horrendo (Momeyer, 1988; Cicirelli, 2006; Lehton & Stein, 2009). As estruturas biológicas ligadas a ansiedade concentram-se na região hipocampal, ao passo que, o medo de morte estaria associado ao complexo amigdalóide, visto que, o medo de morte está associado aos mecanismos de luta ou fuga, sendo ativado ainda em um nível pré-consciente, estes sistemas podem ser ativados de forma simultânea.

As pesquisas que relacionam Ansiedade de Morte e Autoconsciência aparecem ligadas a Teoria de Gestão do Terror (Terror Management Theory - TMT), a qual aponta o papel fundamental da auto-estima contra a ansiedade de morte, onde o indivíduo dotado de auto-estima mais elevada concebe a si mesmo como uma pessoa de valor primeiro em um mundo de significados, para que isso aconteça, a autoconsciência exerce valor preponderante e fundamental (Lehto & Stein, 2009; Silvia, 2001; Pyszczynski, Greenberg, Solomon & Hamilton, 1990). Nascimento (2008) aponta para o juízo de existência de onde se origina a noção de finitude do *Self* com a morte. Logo, a autoconsciência permite ao indivíduo tomar a si como objeto de pensamento, e assim perceber sua finitude diante da morte, e eventualmente, vivenciá-la em grande nível de detalhamento de forma prospectiva, lançando mão de artifícios representacionais ligados a subsistemas cognitivos como as funções imaginativas, simulação mental, e viagem mental no tempo futuro (Waytz, Hershfield & Tamir, 2015; Suddendorf & Corballis, 2007), com importantes consequências em termos afetivos, cognitivos, comportamentais e decisórios no tempo presente (Wade-Benzoni *et al.*, 2012).

A atividade policial, soldados em guerra, pacientes com doenças terminais ou incuráveis, epidemias em massa, catástrofes, etc. são situações nas quais as pessoas frequentemente se defrontam com sua finitude despertando apreensão, aflição e

angústias características da ansiedade de morte, a possibilidade de aniquilação do self torna-se saliente no seio da experiência auto-atentiva, sua ocorrência concomitante com o autofoco também aprofunda a experiência ansiogênica que quando sedimentada no funcionamento mental por meio da ruminação oferece riscos à manutenção da saúde psíquica por seus efeitos corrosivos sobre a estrutura do self.

Considerações Finais

Os relacionamentos entre afetos e cognição figuram como tema clássico com amplo debate no percurso histórico da psicologia, na presente reflexão buscamos alguns apontamentos sobre como este debate se materializa no contexto dos estudos dos processos autoconscientes. Os afetos tem apresentado recorrente presença na experiência autoconsciente, desde sua definição operacional, a pesquisa fatorial evidencia o papel do gradiente afetivo na diferenciação desenvolvimental dos tipos de autoconsciência, as operações de autofocalização da atenção estão empiricamente relacionadas a afetos negativos, depressivos e ansiosos enviesando o processamento da informação sobre o self. Evidências apontam possível retroalimentação entre os afetos e autoconsciência, formando cadeias cíclicas de interação na qual o gradiente afetivo de natureza múltipla e complexa, progressivamente aumenta a frequência e intensidade do foco atencional sobre o self, podendo inclusive, quando temporalmente sedimentado, gerar estados corrosivos da estrutura psíquica resultando em psicopatologias.

Pontua-se a urgência de que ao presente se investigue a fenomenologia destas interfaces entre cognição e afetos no seio dos estados autoconscientes humanos, e em perspectiva longitudinal e de curso de vida (life span), a fins de documentação extensiva das figurações cognitivas destas relações, bem como do próprio gradiente fenomenológico deste *continuum* afetivo, para discriminação dos tipos de afetos e suas composições no seio da experiência consciente e autoconsciente, linha de pesquisa ainda em estado embrionário no corpus teórico da psicologia da autoconsciência, e que forçosamente deverá ser encaminhada por via não psicométrica, e com adoção de metodologias em 1ª pessoa, com resgate das maneiras êmicas de auto-acesso cognitivo, na perspectiva do próprio sujeito (self) experienciador, conforme recomendações de Nascimento (2008).

Numa direção de encaminhamento da sugestão aqui esboçada, e no sentido de ampliar o escopo de apreciação dos diferentes afetos no campo da ansiedade, tematizamos ainda as relações entre ansiedade social e ansiedade de morte com a autoconsciência. Sob a ótica dos afetos verificamos que a ansiedade social envia negativamente os processos autoperceptivos, os autojulgamentos e o processamento da informação sobre o self, implicando a formação de substrato de autoconhecimento de valência negativa que em função da sua frequência de episódios de ansiedade modula a emergência da ruminação pautada em lembranças dos eventos aflitivos e expectativa de situações futuras potencialmente ansiogênicas. No mesmo plano a ansiedade de morte, tem em seu âmago o autofoco enquanto ferramenta cognitiva de construção do senso de finitude contribuindo para ampliar a experiência aflitiva em situações de vida na qual o self pode estar exposto a riscos frequentes de aniquilação.

A presente reflexão destaca a indissociabilidade entre as dimensões afetivas e cognitivas na organização dos processos autoconscientes, afirmando as múltiplas influências entre estas esferas psicológicas no desenvolvimento dos processos de construção do self, no entanto as evidências empíricas tem dado ênfase aos efeitos deletérios do gradiente afetivo negativo enquanto fator que compromete a manutenção integrada da estrutura do self abrindo uma agenda de pesquisas e reflexões mais amplas sobre os relacionamentos entre autoconsciência e desordens afetivas e estratégias para o desenvolvimento de suas formas saudáveis e reflexivas.

Referências

- Amaral, G. A. A. (2011). *Considerações sobre os Transtornos Ansiosos na Infância em uma Visão Comportamental*. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília.
- Brozovich, F. A., Goldin, P., Lee, I., Jazaieri, H., Heimberg, R. G., & Gross, J. J. (2015). The effect of rumination and reappraisal on social anxiety symptoms during cognitive-behavioral therapy for social anxiety disorder. *Journal of Clinical Psychology, 71*(3), 208-218.
- Cicirelli, V. G. (2006). Fear of death in mid-old age. *Journal of Gerontology, 61*, 75–81.
- Çivitci, A. (2015). The Moderating role of positive and negative affect on the relationship between perceived social support and stress in college students. *Educational Sciences: Theory & Practice, 15*(3), 565-573.

- Clark, D. M., & Wells, A. (1995). A cognitive model of social phobia. In R. G. Heimberg, M. R. Liebowitz, D. A. Hope, & F. R. Schneier, *Social phobia: diagnosis, assessment and treatment* (pp. 69–93). New York: Guilford Press.
- Duval, T. S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic.
- Esteves, L. A. (2012). *A Timidez na perspectiva da Psicologia Analítica*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private Self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 43*, 522-527.
- Furer, P., & Walker, J. R. (2008). Death anxiety: A cognitive-behavioral approach. *Journal of Cognitive Psychotherapy, 22*(2), 167-182.
- Heavey, C. L., & Hurlburt, R. T. (2008). The phenomena of inner experience. *Consciousness and Cognition, 17*(3), 798-810.
- Hurlburt, R. T. (2011). *Investigating pristine inner experience: Moments of truth*. Cambridge University Press.
- Ingram, R. (1990). Self-focused attention in clinical disorders: Review and a conceptual model. *Psychological Bulletin, 107*, 156-176.
- Joireman, J. A. (2004). Empathy and the self-absorption paradox II: Self-rumination and self-reflection as mediators between shame, guilt, and empathy. *Self and Identity, 3*, 225–238.
- Lehto, R. H., & Stein, K. F. (2009). Death anxiety: an analysis of an evolving concept. *Research and theory for nursing practice, 23*(1), 23-41.
- Mellings, T. M. B., & Alden, L. E. (2000). Cognitive processes in social anxiety: the effects of self-focus, rumination and anticipatory processing. *Behaviour Research and Therapy, 38*, 243-257.
- Mohamadirizi, S., Hasanzadeh, A., Ghasemi, G., & Mohamadirizi, S. (2015). The Relationship between Social Physique Anxiety and Obsessive Compulsive Disorders with Eating Problems among Adolescent. *Int. J. Pediatr., 3*(5-2), 959-963.
- Momeyer, R. W. (1988). *Confronting Death*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Mor, N., & Winquist, J. (2002). Self-Focused Attention and Negative Affect: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin, 128*(4), 638–662.
- Morin, A. (2002). Self-awareness review Part 1: Do you “Self-reflect” or “Self-ruminate”? *Science & Consciousness Review*, December, No. 1.
- Morin, A. (2005). Possible links between self-awareness and inner speech: Theoretical background, underlying mechanisms, and empirical evidence. *Journal of Consciousness Studies, 12*(4-5), 115-134.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: Um estudo sociocognitivo*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Mediação Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505.
- Overgaard, M.; Gallagher, S.; & Ramsøy, T. Z. (2008). An Integration of First-Person Methodology in Cognitive Science. *Journal of Consciousness Studies*, 15(5), 100-120.
- Piaget, J. (2001). *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique.
- Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., & Hamilton, J. (1990). A terror management analysis of self-awareness and anxiety: The hierarchy of terror. *Anxiety research*, 2(3), 177-195.
- Robinson, O. J., Vytal, K., Cornwell, B. R., & Grillon, C. (2013). The impact of anxiety upon cognition: perspectives from human threat of shock studies. *Front Hum. Neuro.*, 7, 1-21.
- Sawaoka, T., Barnes, R. D., Blomquist, K. K., Masheb, R. M., & Grilo, C. M. (2012). Social anxiety and self-consciousness in binge eating disorder: associations with eating disorder psychopathology. *Compr. Psychiatry*, 53(6), 740-745.
- Sedikides, C. (1992). Mood as a Determinant of Attentional Focus. *Cognition and emotion*, 6(2), 129-148.
- Silvia, P. J. & O'Brien, M. E. (2004). Self-awareness and constructive functioning: Revisiting "the human dilemma.". *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23, 475-489.
- Silvia, P. J. (2001). Nothing or the opposite: intersecting terror management and objective self-awareness. *European Journal of Personality*, 15(1), 73-82.
- Silvia, P. J. (2002a). Self-awareness and emotional intensity. *Cognition and Emotion*, 16, 195-216.
- Silvia, P. J. (2002b). Self-awareness and the regulation of emotional intensity. *Self and Identity*, 1, 3-10.
- Suddendorf, T., & Corballis, M. C. (2007). The evolution of foresight: What is mental time travel, and is it unique to humans?. *Behavioral and Brain Sciences*, 30(03), 299-313.
- Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private Self-consciousness and the Five-Factor Model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304.
- Wade-Benzoni, K. A., Tost, L. P., Hernandez, M., & Larrick, R. P. (2012). It's only a matter of time: Death, legacies, and intergenerational decisions. *Psychological Science*, 23, 704-709. <http://dx.doi.org/10.1177/0956797612443967>.
- Waytz, A., Hershfield, H. E., & Tamir, D. I. (2015). Mental Simulation and Meaning in Life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108(2), 336-355.
- Wells, A., & Matthews, G. (2015). *Attention and emotion: A clinical perspective*. New York: Psychology Press.
- Wilson, M. (2002). Six views of embodied cognition. *Psychonomic Bulletin & Review*, 9(4), 625-636.

Recebido: 20/6/2020.

Aceito:30/6/2020.

Sobre autores e contato:

Alexsandro Medeiros do Nascimento - Professor Permanente no PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Coordenador do LACCOS / UFPE. Email: alexmeden@gmail.com.

Renê Marcelino da Silva Junior - Doutor em Psicologia Cognitiva pelo PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Professor na UNINABUCO. Pesquisador do LACCOS / UFPE. Email: renemarcelino@gmail.com.

Witanagé da Silva Junior - Psicólogo e Graduado em Ciências Biológicas. Membro da Polícia Militar de Pernambuco. Mestre em Psicologia Cognitiva pelo PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Pesquisador do LACCOS / UFPE. Email: witanage@hotmail.com

Antonio Roazzi - Professor Titular no PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Email: roazzi@gmail.com